

## **AUDIODESCRIÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO: GARANTIA DE ACESSIBILIDADE NA SALA DE AULA**

Tássia Gabriela Delgado da Silva – UEG.  
Veryanne Couto Teles – UNB.

**Resumo:** A presença de imagens em livros didáticos na forma de fotografias, desenhos, reproduções de pinturas, tirinhas de quadrinhos, charges, propagandas são utilizadas frequentemente como instrumento de facilitação e compreensão visando despertar nos alunos o interesse pelas artes. Diante de tal realidade, o objetivo desse estudo é demonstrar a importância do estudo da imagem e de sua utilização nos veículos de comunicação, principalmente os de caráter pedagógico, que instaura no âmbito escolar, no cotidiano dos sujeitos, inclusive aqueles com deficiência visual. Pois, a deficiência impõe barreiras refletidas em aspectos, como na aprendizagem e no acesso ao mercado de trabalho. No caso dos livros didáticos aos poucos este campo vem avançando, no que se trata da tradução para o braille e para meios digitais. Contudo, as imagens não são traduzidas ou adaptadas, e como os educadores podem atuar para a superação dessa problemática? Assim, esse estudo teve como ferramenta a audiodescrição, uma forma de tradução intersemiótica que no âmbito das tecnologias viabiliza a acessibilidade igualitária aos deficientes visuais. Obtendo como resultado, a necessidade de ampliação da utilização desse recurso para promover a utilização do livro didático de literatura.

**Palavras-Chave:** Audiodescrição, acessibilidade, livros didáticos.

### **Introdução**

Diversos avanços vêm acontecendo no que se refere ao acesso de deficientes visuais em relação a informação. Pesquisas no campo da tradução audiovisual, colaboram para a elaboração de roteiros audiodescritos para facilitar a socialização daqueles.

Dessa forma esse trabalho busca apresentar uma proposta de roteiro audiodescrição de obra de arte, presente em livros didático de literatura, para ser utilizado nas orientações de elaboração de descrição de imagens do programa Meddaisy.

### **A importância das imagens no livro didático**

Vivemos em um mundo onde estamos cercados o tempo todo por informações visuais, sempre as encontramos na internet, televisão, filmes, livros e etc. Não seria diferente nas escolas onde existem figuras por todos os lugares para facilitar a compreensão e ilustrar o que é ensinado.

Assim, nos livros didáticos elas possuem várias funções, de acordo com a disciplina em que está sendo abordada. Podem ser vistas como uma forma de integração social, ressignificando o mundo de um modo mais objetivo e concreto. Para Maffesoli (1995) ela serve como objeto

agregador, que contribui para a inserção do indivíduo em sua comunidade.

Além disso, esse autor analisa o fato de que imagens religam tribos ou a massa, servem para a socialização existente no cotidiano. A construção de uma realidade coletiva e múltipla abre espaços diferentes para experiência, singulares, individuais e únicas.

É de suma importância as relações, entre a imagem e o texto escrito, que estabelecem conexões na mente do aluno a fim de facilitar a compreensão do que está sendo abordado, tornando os fatos mais concretos e palpáveis para os discentes.

O reconhecimento de que a ilustração faz parte do conteúdo desses livros e que, por assim ser considerada, deve também ser avaliada, aponta para uma situação que desenha os anos 90: aprender a ler imagens humaniza o homem, a alfabetização pela imagem é um meio de construir cidadania. Para isso, o aluno deve saber apreciar a imagem dos livros didáticos como arte, reconhecê-la e interpretá-la (e não somente criá-la, como se pontificava nos anos 60). Aqui se identifica um aproveitamento da imagem para o que Barthes chama, em fotografia, de *Punctum*. É o que toca, punge com seu gesto original, o que cria no espectador uma experiência única que transborda para o imaginário. A estética da recepção traçará um constructo teórico que definirá a importância do sujeito-leitor na produção de sentidos. A riqueza que um estudo da imagem em livros didáticos pode trazer tem correspondência nas atividades de leitura com textos, ao fazer emergir um leitor capaz de atingir diferentes posições de leitura (ou perspectivas/pontos de entrada) (Belmiro; 2000 p 22)

Dessa forma podemos encontrar nos livros de Português de todas as séries, fotografias, tirinhas de quadrinhos, desenhos, reproduções de obras de arte, charges, propagandas, etc.

Houve mudanças na forma em que as imagens se dispunham nos livros didáticos. Em um primeiro momento, havia apenas representações tímidas em preto e branco, depois os tons cor de terra, alaranjados ou avermelhados começaram a, sutilmente, tomar conta das folhas daqueles. As figuras eram apenas para ilustrar as páginas introdutórias, tendo somente a intenção de motivar o aluno, não acrescentando ou renovando diferentes leituras e sem a intenção de dialogar com o texto.

Com o passar do tempo os desenhos começam a se relacionar com as atividades, como facilitador do enriquecimento do vocabulário, aquisição de novas expressões e uma busca pela leitura crítica de imagens, as quais servem como ferramenta de auxílio para a compreensão dos textos, revelando uma forma de selecionar a realidade, enquadrá-la, dizê-la; e ainda por cima, introduzir possibilidades interpretativas.

Portanto, além das diversas ilustrações, ao estudar literatura, sempre nos deparamos com

obras de arte de determinadas épocas, que assim como o contexto histórico, servem para analisarmos e compreendermos características culturais, sociais e políticas de determinado período. Partindo desse ponto de vista, podemos observar que diante de um mundo tão visual, os deficientes por um longo período ficaram isolados da sociedade. Segundo o site do Mec, em 2002 apenas 490 alunos cegos, de 1ª a 4ª série, receberam livros didáticos em braile do Programa Nacional do Livro Didático (PNLD). A partir de 2003, o MEC ampliou a aquisição, a produção e a distribuição de livros didáticos em braile e passou a atender alunos de 1ª a 8ª série do ensino fundamental. Com o tempo, essa realidade mudou, e em 2005 todos os alunos deficientes visuais tiveram acesso a livros em braile.

Apesar de garantir o acesso à informação esse tipo de livro saía muito caro para o Mec, que a partir de 2009, juntamente com Universidade Federal do Rio de Janeiro, passou a desenvolver um programa de computador chamado Mecdaisy.

Essa é uma ferramenta tecnológica desenvolvida para a produção de livros no formato audiogitral acessível, no padrão Dayse que é um padrão internacional para a produção de livros digitais que facilitam a navegação do leitor (por palavras, frases, parágrafos, páginas e capítulos) da mesma forma que nós folheamos um livro escrito em papel.

Este padrão apresenta facilidade de navegação pelo texto, permitindo a reprodução sincronizada de trechos selecionados, o recuo e o avanço de parágrafos e a busca de seção ou capítulos. Possibilita também, anexar anotações aos arquivos do livro, exportar o texto para impressão em Braile, bem como a leitura em caractere ampliado. Todo o texto é indexado, facilitando, assim, a manipulação através de índices ou buscas rápidas.

Além dos benefícios do Mecdaisy às pessoas com deficiência visual total (cegueira congênita ou adquirida), baixa visão, deficiência intelectual e idosos; que podem ter acesso à leitura sob a forma de áudio e texto digital, destaca-se que está disponível a metodologia para a geração de livros neste padrão, que poderá ser utilizado gratuitamente nas escolas e instituições de educação superior para garantia da acessibilidade.(NCE/UFRJ, 2011)

Dentre as facilidades encontradas nessa ferramenta, há também a descrição de imagens presentes nos livros didáticos tais como cartoons, tiras cômicas, mapas, tabelas, fluxogramas, organogramas. Mas notou-se que nada há sobre as pinturas usadas para contextualizar as épocas literárias presentes nos livros de literatura.

Dessa forma, esse trabalho apresenta como proposta descrição que poderá ser acrescentada ao Manual de Orientações para descrição de imagem na geração de material digital acessível –

Mecdaisy, baseando-se nas propostas de audiodescrição de obras de arte feitas para museus, adaptando-as para serem inseridas nos áudio-livros distribuídos pelo Ministério da Educação. Portanto é necessário conhecer os conceitos de audiodescrição e suas ramificações, destacando-se aqui a audiodescrição de imagens estáticas, além de compreender as dificuldades enfrentadas pelos deficientes visuais.

### **Audiodescrição: definição**

De acordo com o Censo de 2010, 18,8% da população brasileira têm deficiência visual, por conta disso, na intenção de suprir as necessidades decorrentes das diversas modalidades de deficiência visual de seus cidadãos, alguns países vêm adotando modos *compensatórios* de acesso aos textos visuais por meio da audiodescrição (AD), assim definida:

A audiodescrição é um recurso de acessibilidade que amplia o entendimento das pessoas com deficiência visual em eventos culturais, gravados ou ao vivo, como: peças de teatro, programas de TV, exposições, mostras, musicais, óperas, desfiles e espetáculos de dança; eventos turísticos, esportivos, pedagógicos e científicos tais como aulas, seminários, congressos, palestras, feiras e outros, por meio de informação sonora. É uma atividade de mediação linguística, uma *modalidade de tradução intersemiótica* (JAKOBSON, 1995) *que transforma o visual em verbal*, abrindo possibilidades maiores de acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão cultural, social e escolar. Além das pessoas com deficiência visual, a audiodescrição amplia também o entendimento de pessoas com deficiência intelectual, idosos e disléxicos”. (MOTTA, ROMEU FILHO, 2010, p. 11, grifos nossos)

No Projeto de Lei nº 5.156 de 2013, Parágrafo único a audiodescrição descrita como um instrumento tradutório de acessibilidade comunicacional que consiste no conjunto de técnicas e habilidades aplicadas, com objetivo de proporcionar uma narração descritiva em áudio para ampliação do entendimento, de imagens estáticas ou dinâmicas, textos e origem de sons, despercebidos ou incompreensíveis especialmente sem o uso da visão.

A Audiodescrição (AD) é uma atividade de mediação linguística, uma modalidade de tradução intersemiótica, que pode ser definida como a técnica utilizada para tornar o teatro, o cinema, a TV, bem como obras de arte visuais, etc. que possibilita às pessoas com deficiência visual (DV) acesso à cultura e à informação, contribuindo para a inclusão e interação sociocultural dessas pessoas. A tradução é inserida entre os diálogos em filmes e novelas e não interfere nos efeitos

musicais e sonoros. No caso de obras de arte (pintura, escultura), seria a tradução da composição das telas e as técnicas utilizadas. No caso das imagens em um livro, seria a descrição destas em seus detalhes e sua conformidade com o texto escrito. Ela pode ser gravada ou feita ao vivo.

A audiodescrição vem sendo aos poucos implantada no Brasil. Na TV, atualmente há a exigência de 2 horas semanais da programação na TV aberta; também estão sendo realizadas sessões especiais de cinema audiodescrito em Festivais e Mostras; no teatro, congressos, já há algumas iniciativas pelo país; também já houve mostras de obras de arte acessíveis, com audiodescrição e maquetes táteis. Porém no âmbito da literatura e em livros didáticos, as poucas pesquisas na área são incipientes. Dessa forma, faz-se necessário o desenvolvimento de pesquisas que investiguem padrões de audiodescrição para serem usados no país. No caso de imagens apresentadas em livros didáticos, como a organização semiótica narração/audiodescrição/ texto relacionado à disciplina fará efeito nas leituras e no ensino-aprendizagem dos educandos.

Dentre os subtipos da TAV a audiodescrição é uma modalidade que vem ganhando importância nos últimos anos por conta da relação entre tradução e acessibilidade, entretanto ainda é pouco conhecida pelo público leigo e pela academia, sofrendo inclusive carência de pesquisas.

A AD é considerada uma modalidade de tradução audiovisual e se insere na área dos Estudos da Tradução. Segundo Diaz-Cintas (2007):

O termo tradução audiovisual tem sido usado como conceito global que encapsula as diferentes práticas tradutórias que se implementam nos meios audiovisuais na hora de se traduzir uma mensagem de uma língua para outra e em um formato em que haja uma interação semiótica entre o som e as imagens (DIAZ-CINTAS, 2007 *apud* ALVES et al, 2011)

Apesar de ter sua origem no contexto acadêmico, no Brasil, ainda é pequeno o número de pesquisas feitas a fim de tornar a técnica mais científica, já que, infelizmente não existem parâmetros ou modelos.

A noção da AD como tradução é de fundamental importância para o seu reconhecimento como trabalho intelectual, pois vai muito além do que a descrição de informações percebidas pela visão. Questões técnicas, linguísticas e estéticas precisam ser observadas para que se possa realizar a audiodescrição. As respostas a essas questões devem levar em consideração o gênero da obra a ser audiodescrita.

## **Deficientes Visuais: Dificuldades E Inclusão Social**

O termo *deficiência visual* abrange vários conceitos que incluem desde a cegueira total (congenita ou adquirida), onde não há percepção de luz, a baixa visão ou mesmo aquelas que apresentam distúrbios de percepção, como a incapacidade de perceber cores (*acromatopsia*), enfrentam barreiras cotidianas em relação às informações visuais veiculadas em livros e revistas ilustradas, nos filmes transmitidos pela televisão, cinemas ou disponíveis em DVDs, em peças teatrais ou em imagens artísticas exibidas em galerias e museus.

A inclusão há tempo tem sido alvo de várias pesquisas no meio científico e acadêmico para um movimento em prol da pessoa com deficiência. Esta questão começou a ser debatida, de fato, a partir dos anos 60, quando diferentes países passaram a se mobilizar a respeito da integração educacional.

No Brasil, o movimento a favor da escola inclusiva representa uma mudança radical na educação, tendo em vista a garantia da igualdade de oportunidades a todas as pessoas, sendo uma educação personalizada que respeita a singularidade e diferenças de cada aluno e não enfatizando a deficiência.

A educação para ser realmente inclusiva, deve levar em conta os desejos dos alunos e não os rótulos deles; suas potencialidades, qualidades e capacidades e não somente suas dificuldades. Sendo que dessa forma, não beneficia só o aluno incluído, mas todos que com ele estabelecerem interações. Precisamos mais do que de uma escola inclusiva, precisamos de um mundo inclusivo.

Dessa forma, a audiodescrição é ferramenta imprescindível para a promoção da acessibilidade e inclusão de pessoas com deficiência visual nas mais diversas manifestações da sociedade, principalmente nas escolas.

A importância do estudo da imagem e de sua utilização nos veículos de comunicação, principalmente os de caráter pedagógico, instaura, no âmbito escolar, o reconhecimento da necessidade de se defrontar com o movimento inevitável do novo, com a presença avassaladora da imagem visual no cotidiano dos sujeitos, inclusive aqueles com deficiência visual.

A problemática da presente pesquisa surgiu após observar a escassez de estudos sobre o tema, mesmo com a presença de imagens em livros didáticos como instrumentos de facilitação da compreensão dos educandos e uma maneira de promover a socialização ou despertar nos alunos o interesse pelas artes. Visto a sua importância social e pedagógica, audiodescrição é utilizada como ferramenta tradutória que garante as informações visuais aos DVs que muitas vezes não são

trabalhadas com estes alunos.

Mesmo que a pessoa tenha uma limitação, que é a deficiência visual, seja ela a baixa visão ou a cegueira total, isso não impede que aprendam novos idiomas, conheçam novas culturas, saibam sobre artes, mesmo porque, é importante destacar a relevância e a necessidade de propiciar o desenvolvimento dos indivíduos e principalmente no meio das suas capacidades comunicativas e educacionais, o que auxilia também nas suas capacidades de desenvolvimento pessoal e social.

### **Audiodescrição de Imagens Estáticas**

Como já foi citado anteriormente, a audiodescrição de imagens estáticas é um campo extremamente novo e ainda existem poucas pesquisas que abordem essa temática. Na produção desse artigo, tomamos por base um trabalho feito pelas professoras Vera Lúcia Santiago Araújo da (UECE) e Célia M. Magalhães(UFMG) que se empenharam em montar uma metodologia a elaboração de audiodescrição para museus, fazendo uma análise teórica e prática da audiodescrição de obras de arte.

Em seu artigo as autoras fazem uma revisão de trabalhos na área a fim de sistematizar e orientar, com o intuito de facilitar o trabalho do audiodescritor, já que até então, não possuía um guia para a elaboração de seu trabalho. Elas citam pesquisadores que são considerados pioneiros nesse âmbito: De Coster & Mühleis (2007) e Holland (2009). Além deles, outros nomes aparecem referentes à sensibilização das audiências para a apreciação adequada das obras de arte em museus, tais como : Höfner & Ventola (2004). Além desses pesquisadores, elas mencionam também Holland (2009) que têm três trabalhos sobre o assunto, no âmbito *Talking Images* (imagens que falam) e buscou analisar se era importante ou não a interpretação do audiodescritor como ferramenta de facilitação da compreensão do DV diante de uma obra de arte.

Para a metodologia de elaboração de audiodescrição para museus, elas fizeram uso da semiótica social e da multimodalidade, baseando-se nos estudos dos modelos de O’Toole (1994) e Kress & van Leeuwen (1996), mais especificamente, dos sistemas da função modal no primeiro e dos sistemas do significado interativo no segundo.

Enquanto as unidades do sistema de O’Toole parecem iniciar o processo de leitura da imagem por elementos concretos, do mundo físico da pintura (membro, figura, episódio, obra e escola) os quais podem ter traços semânticos de realização (ironia, por exemplo), os pontos de entrada do sistema de Kress & van Leeuwen parecem

iniciar o processo por elementos abstratos, por assim dizer, semânticos (contato, distância, atitude) que se realizam por meio de elementos concretos do mundo físico da pintura (planos, olhar, etc.).(Araújo &Magalhães)

Elas afirmam que, os procedimentos metodológicos para a elaboração de roteiros de ADs a serem usados em áudio-guias de museus ( e que no nosso caso será adaptado pra a audiodescrição de pinturas em livros didáticos), devem levar em conta combinações da análise de cada função/significado (representacional, modal/interativo, composicional) com as características de ADs descritas no escopo da TAV.

Dessa forma, ao se analisar a pintura deve-se levar em consideração que todas as unidades tem função comunicacional, que não existe uma unidade específica para se começar a audiodescrição e que as vezes nem todas as unidades estão presentes na obra. Além disso, é importante para o audiodescritor conhecer detalhes, informações sobre o contexto histórico e curiosidades que circundam a pintura, porque isso facilita na hora de tomar as decisões durante a descrição.

Traduzir é fazer escolhas, apesar de na audiodescrição de meios audiovisuais, o audiodescritor deve ser o mais objetivo possível, sem apresentar a sua interpretação. Já nas imagens estáticas, ficou comprovado através da pesquisa feita por Holland (2009), que através de três estudos de caso mostrou que os DVs preferiam as descrições que continham interpretações por esta proporcionar mais riqueza de detalhes, fator que facilitava a apreciação das obras. Então, é de suma importância que se vá além do que se pode ser percebido pela visão.

Quando se trata de descrição de imagens, as orientações do MecDaisy para a criação de material digital acessível, leva em consideração fotografias, cartoons, tiras cômicas, mapas, tabelas, fluxogramas, organogramas, mas não há nada mencionando pinturas, ou exemplos de descrições das obras de arte presentes em livros de literatura, o que leva a crer que elas sejam feitas a partir das orientações em relação a fotografias.

Partindo desse pressuposto, escolhemos a obra de Di Cavalcante “Samba” (1925) que encontramos no livro de Ensino Médio “Português” de José de Nicola (Volume 3) o qual se apresenta rico em tabelas, cartoons, manuais, fotos e principalmente na seção de literatura, a presença de pinturas para ilustrar o contexto histórico de cada período estudado, além de servirem para complementar ideias de poemas e de base para a compreensão de exercícios.

A obra do pintor brasileiro foi utilizada para ilustrar o Capítulo 4 do livro, intitulado “O Brasil de 1922 a 1930” que se refere a Semana de Arte Moderna. O autor do livro utiliza pinturas de

Anita Malfati, Vicente do Rego Monteiro, além de esculturas Victor Brecheret e uma foto de uma casa projetada por Antonio Garcia Moya para representar a arquitetura da época.

O autor faz uma breve biografia do pintor e comentários resumidos sobre a tela, salientando o fato de sua temática principal ser o povo mulato do Rio de Janeiro, exemplo de uma das principais características da época, a fim de trazer reflexões sobre a sociedade brasileira e sua identidade.

Dessa forma, de acordo com o principal objetivo deste trabalho, buscamos fazer dois tipos de descrições da pintura “Samba”, uma baseada nas orientações de descrição do Mec e outra na metodologia das professoras pesquisadoras pré-citadas.

Orientações do Mec Daisy:

1. Identificar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita: O que/quem;
2. Localizar o sujeito, objeto ou cena a ser descrita: Onde;
3. Empregar adjetivos para qualificar o sujeito, objeto ou cena da descrição: Como;
4. Empregar verbos para descrever a ação e advérbio para
5. Descrever as circunstâncias da ação: Faz o que/como;
6. Utilizar o advérbio para referenciar o tempo em que ocorre a ação: Quando
  
7. Identificar os diversos enquadramentos da imagem: De onde - tais como:
  - a. Grande plano geral (GPG) - Mostra o cenário todo e é feito de um plano mais elevado, como em imagens aéreas.
  - b. Plano geral: Mostra os personagens e o ambiente no qual estão inseridos.
  - c. Plano americano: Mostra o personagem dos joelhos para cima.
  - d. Plano médio: Mostra o personagem da cintura para cima.
  - e. Primeiro plano: Mostra o personagem do peito para cima.
  - f. Primeiríssimo plano ou *close-up*: Mostra o rosto do personagem em destaque.
  - g. Plano detalhe: Mostra uma parte do corpo de um personagem ou um objeto
  
9. Verificar a correspondência entre a imagem e o texto, a fim de garantir a fidedignidade da descrição;
10. Usar termos adequados, à área de conhecimento, abordada na descrição;
11. Identificar os elementos relevantes, levando-se em consideração aspectos históricos e culturais;
  
12. Organizar os elementos descritivos em um todo significativo. Evitar deixar elementos soltos, inserindo-os em um mesmo período. Começar pelo personagem ou objeto mais significativo (o que/quem), qualificá-lo (como), localizá-lo (onde), qualificar o onde (como), explicitar o tempo (quando);
13. Mencionar cores e demais detalhes;

A imagem mostra uma roda de samba composta por 6 pessoas, 4 em pé e duas sentadas. Todos são mulatos. No centro da tela nota-se duas mulheres. A primeira seminua, veste apenas uma saia branca e calça sapatos amarelos, com os seios a mostra e chapéu amarelo. A segunda, no centro

da tela, traja uma saia amarela, sapatos bege, uma blusa branca. A alça da blusa está caída, deixando os seios a mostra. À esquerda da tela, há dois homens. Um em pé, de costas para o espectador. Ele veste uma blusa laranja e calça branca. O segundo homem, está agachado com a mão apoiando o rosto. Do lado direito, há dois homens. O primeiro em pé, toca cavaquinho. Ele veste blusa rosa e calça azul claro. O segundo está agachado e veste um terno marrom, sobre uma camisa branca e calça azul. No fundo da imagem, montanhas e o céu azul completam o cenário.

**Sistemas da função modal (O'TOOLE 1994: 24)**

UNIDADES	REALIZAÇÕES	
Escola/Gênero	Orientação para realidade e estilo	Por ex., barroco, cubismo, instalação
Obra/Pintura	Foco: Perspectiva Clareza Luz Cor Escala Olhar: Função Caminhos Ritmos Intermediários	Enquadre  Modalidade: Fantasia/ Ironia Autenticidade Simbolismo Omissão Intertextualidade
Episódio	Da escala para o todo Da centralidade para o todo Proeminência relativa Interação de modalidades	
Figura	Caracterização Relação com o observador Olhar Gesto Contraste e conflito: Cor, Escala, Luz, Linha	
Membro	Estilização Atenuação Claro-escuro Sinédoque Ironia	

**Sistemas do significado interativo, cf. Kress & van Leeuwen 1996: 154**

PONTOS DE ENTRADA	REALIZAÇÕES
Contato:  Demanda Oferta	Olhar para o observador Ausência de olhar
Distância social:  Íntimo/Pessoal Social Formal/Impessoal	Plano fechado Plano médio Plano aberto
Atitude:  Envolvimento, Distanciamento Poder do observador, Igualdade de poder, Poder do representado	Ângulo frontal, ângulo oblíquo Ângulo alto, nível do olhar, ângulo baixo
Modalidade	Cor, Contextualização Representação Profundidade Luminosidade Brilho

Você está diante de uma reprodução do quadro pintado a óleo por Di Cavalcante em 1925, cujo original foi acidentalmente incendiado em 2012 no Rio de Janeiro. Suas dimensões são 177x154. São retratadas, nesse quadro, várias pessoas, todas mulatas. Elas estão em uma roda de samba. No centro da roda, uma moça de quadris largos e coxas grossas, calça sapatos cor de rosa, com detalhes floridos. Está de saia amarela, translúcida, acompanhada por uma blusa branca, que deixa uma faixa da sua barriga a mostra. Um das alças está caída, revelando sensualmente o seu seio esquerdo. Ela tem cabelos castanhos, na altura dos ombros, lábios carnudos e olhos esverdeados apaixonadamente encantados pela melodia que embala a cena. A mão direita está na cintura e a esquerda, levemente apoiada no ombro, segura um galho com folhas.

A moça à sua esquerda está seminua. Ela calça sapatos amarelos de salto alto. A saia é branca e aparenta ser um tecido amarrado na cintura, deixando levemente a coxa grossa à mostra. Parte do busto nu é tampado pelo copo da moça da frente. Além disso, ela tem cabelos bem curtos,

na altura do queixo e usa chapéu amarelo. Ela sorri e abre o braço dando a impressão de que está se divertindo.

Além delas, há quatro homens na cena, dois estão à esquerda e dois à direita que são os músicos. Do lado esquerdo, nota-se um homem agachado e cabisbaixo. Ele está descalço, vestindo uma calça azul claro e blusas de manga compridas, azul escuro. Ele está com a mão direita sobre o joelho direito e a outra mão está apoiando o rosto. A cabeça está levemente abaixada e os olhos fechados. Logo atrás dele, está um rapaz cujas pernas estão tampadas pelo rapaz agachado. Ele veste calça branca e blusa vermelha. Está de costas e com as mãos erguidas, aparentemente batendo-as ao ritmo da música. O corpo levemente inclinado indica que ele está dançando.

Do lado direito, há outro homem agachado. Ele veste calça jeans, terno marrom sobre uma blusa branca. Seu rosto aparentemente sério, o que dá a impressão de estar concentrado, enquanto olha para o horizonte e segura um objeto marrom que provavelmente é um instrumento musical.

Atrás dele está o homem que toca cavaquinho, vestindo uma calça azul claro e uma blusa de gola polo rosa. Em suas mãos, está um cavaco que é segurado com a mão direita, enquanto é dedilhado pela mão esquerda do músico. O rosto mostra-se feliz por cantar e o corpo está inclinado, dando a impressão de estar dançando enquanto cantar. Ele olha para a moça de saia amarela. Percebe-se que os músicos se vestem de forma elegante, indicando uma presença profissionalizada.

No fundo, há montanhas que formam um vale. Sobre elas o céu azul é semi encoberto pela névoa. Os homens estão em segundo plano, enquanto as mulheres com a sensualidade dos gestos, num transe excitado pelo som, se destacam por estarem em primeiro plano, no centro da tela e olham para o espectador. As cores são fortes e em tons de terra. A visão geral da obra é frontal, as mulheres se apresentam nesse ângulo. Os homens estão em ângulo oblíquo. As montanhas criam a perspectiva de profundidade.

### **Considerações Finais**

Esse artigo iniciou pela necessidade de levar os deficientes visuais a campos do conhecimento que até então eles eram privados, começando pelo ambiente escolar para ampliar os seus horizontes, e assim os incluindo cada vez mais nessa sociedade da informação. Para tanto buscou-se na literatura especializada, embasamento para que a proposta aqui fosse apresentada. E através daquela, percebeu-se a necessidade de fazer uma descrição para o livro didático de

literatura, mais detalhada, a fim de abranger um público maior e promover um ensino e uma aprendizagem crítica do conteúdo através da obra de arte.

A partir dos modelos detalhados por O'Toole (1994) e Kress & van Leeuwen (1996), mais especificamente, dos sistemas da função modal no primeiro e dos sistemas do significado interativo no segundo. Baseando nos procedimentos metodológicos iniciais de Araújo & Magalhães , que integraram as unidades ou pontos de entradas desses sistemas com as observações feitas sobre a audiodescrição de obras de artes no âmbito das pesquisas em tradução audiovisual, para a elaboração de roteiros de ADs adequados ao propósito de inclusão de DVs num processo dinâmico de sensibilização para a multimodalidade. Essas são propostas iniciais, que buscam corroborar no âmbito da TAV, mas que precisam ser comprovadas por meio de uma pesquisa de recepção com o público alvo.

## **REFERENCIAS**

- Anderman, G. & Díaz-Cintas. *Audiovisual translation: language transfer on screen*. Basingstoke; New York: Palgrave MacMillan, 170-185.
- Holland, A. (2009) 'Audio description in the theatre and the visual arts: images into words.'
- Hurtado, C. *Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual*. Frankfurt:Peter Lang, 81-92.
- Jimenez Hurtado, C. (2007) 'Uma gramática local del guión audiodescrito. Desde La semântica a La pragmática de um nuevo tipo de traducción.' *Traducción y accesibilidad. Subtitulación para sordos y audiodescripción para ciegos: nuevas modalidades de traducción audiovisual*. Frankfurt:Peter Lang, 55-80.
- Kress, G. & T. van Leeuwen. (1996) *Reading images: the grammar of visual design*. London; New York: Routledge.
- \_\_\_\_\_. (2001) *Multimodal discourse: the modes and media of contemporary communication*. London: Arnold.
- \_\_\_\_\_. (2002) 'Colour as a semiotic mode: notes towards a grammar of colour'. *Visual Communication*. 1(3): 343-369.
- NCE/UFRJ. Disponível em: <<http://intervox.nce.ufrj.br/mecdaisy/>> . Acessado em: 07 de Julho de 2013
- NICOLA, José de. *Português: Ensino Médio. Volume 3. 1ª Edição*. São Paulo. Ed Scipione, 2005. 274.
- O'Toole, M. (1994) *The language of displayed art*. Rutherford, Madison, Teaneck: Fairleigh Dickinson University Press.
- Payá, M. P. (2007) 'La audiodescripción: traduciendo el lenguaje de las cámaras.' Jimenez TÉO, Marcelo. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH • São Paulo, julho 2001*.